

# Luís Sepúlveda e(m) Portugal

Fez 70 anos e a sua chancela nacional, a Porto Editora (PE), ‘festejou-os’ num jantar para que convidou amigos seus portugueses. Na circunstância, Manuel Alberto Valente, seu editor de sempre entre nós, falou do escritor e da relação entre ambos, desde que aqui publicou *O velho que lia romances de amor*; Vasco Teixeira, o administrador e diretor editorial da PE, ofereceu-lhe um retrato, da autoria da pintora Isabel Lhano; e Luís Diamantino, vereador da Cultura da Câmara da Póvoa de Varzim, ofereceu-lhe uma miniatura em prata da lancha poveira. O autor de tantos êxitos literários, com 21 títulos editados em Portugal, agradeceu e lembrou o dia em que, preso nos cárceres da ditadura fascista de Pinochet, os guardas, surpreendentemente, trataram os prisioneiros menos mal do que era costume. Ao fim da tarde, confidenciou-lhe o motivo: “Hoje vocês ganharam em Portugal”. Era o dia 25 de Abril de 1974 e ele jurou a si próprio que se saísse dali vivo haveria de vir a esse distante país então libertado. O resto desta história contado por quem aqui o “recebeu” e aqui continua a editar...

## MANUEL ALBERTO VALENTE

**L**uís Sepúlveda (LS) nasceu, casualmente, em Ovalle, numa pequena cidade a norte de Santiago do Chile, a 4 de Outubro de 1949. Seu pai era um chefe de cozinha conceituado e tinha sido convidado para dirigir em La Serena, 87 quilómetros mais à frente, a cozinha de um recém-estreado hotel. Mas as dores de parto foram mais fortes e ele nasceu a meio do caminho, num hotel que por acaso se chamava Hotel Chile. Porém, foi na capital que passou a sua meninice e a sua adolescência.

Muito jovem, foi estudar para a União Soviética, mas rapidamente o expulsaram da Universidade, alegadamente por contactos com dissidentes. Regressado ao Chile, milita nas hostes do Partido Socialista, integra o Movimento de Unidade Popular de Salvador Allende e é preso após o golpe de Pinochet. Mais tarde consegue fugir do país e, após uma errância por vários países latino-americanos, exila-se na Europa - primeiro em Hamburgo, depois na Floresta Negra, mais tarde em Paris e finalmente em Gijón, nas Astúrias, onde ainda hoje reside.

A nossa história começa está ele ainda em Paris. Em 1988, com *O Velho Que Lia Romances de Amor*, vence o Prémio Tigre Juan e o romance é publicado pelas Ediciones Júcar, sem obter grande repercussão em Espanha. Mas o livro chega às mãos de Anne-Marie Metallié, grande editora francesa, que rapidamente percebe a pequena “pérola” que tem ali ao dispor. Traduzido por François Maspero, o livro sai em França em 1992 e rapidamente conhece um enorme sucesso: entre a data da publicação e 2010 (foi os dados que consegui recolher) venderam-se mais de 1 milhão e 200 mil exemplares.

É Anne-Marie, velha amiga, que me recomenda o livro. Traduzido por Pedro Tamen, sai em Portugal em 1993, integrando a colecção “Pequenos Prazeres” da Asa. Também aqui o livro conhece um enorme sucesso. Uma foto que encontrei na internet mostra uma cinta que refere estarem já vendidos 65 000 exemplares - e muitos mais se venderam até aos dias de hoje.

Como é evidente, imediatamente convidámos LS a vir a Portugal e também imediatamente ele aceitou o convite. Acordadas as datas, iríamos, eu e o João Rodrigues, esperá-lo a Vila Real de Santo António, dado que vinha do Festival de Cinema de Huelva. Aguardávamos a sua chegada de barco, mas afinal apareceu-nos pelas costas, dado que um amigo o resolvera trazer de automóvel. Recordo hoje esse momento como uma cena de Le Carré ou de um qualquer filme de espionagem americano. Mas ele ali estava, imponente, barbudo, bem à imagem de um revolucionário latino-americano. Creio que fomos almoçar a Mértola, antes de seguir para Lisboa. Com uma paragem obrigatória, que ele logo nos impusera - Grândola. A foto que ilustra estas linhas é seguramente a sua primeira foto em Portugal.

Sepúlveda tornou-se rapidamente um autor muito querido dos leitores portugueses e um amante de Portugal, onde logo fez imensos amigos e onde chegou a pensar instalar-se. Um deles, que escolho um por razões óbvias: Fernando Assis Pacheco, uma espécie de “gémeo”, na alegria de viver, no gosto pela mesa, na informalidade do vestir. Penso que foi num churrasco em minha casa, preparado por Luís, que os dois se conheceram. Depois, muito graças ao João Rodrigues, tornaram-se, de certa maneira, íntimos - e essa amizade continua hoje na figura da Rosarinho Assis Pacheco, viúva do poeta.

Como curiosidade, refira-se que o primeiro trabalho de Ricardo Araújo Pereira, então a iniciar-se como jornalista no *JL*, foi entrevistar LS. E, segundo ele conta, José Carlos de Vasconcelos ter-lhe-á dito que eu tinha considerado a sua entrevista a melhor das muitas que lhe foram feitas...

E depois houve a Póvoa (de Varzim). A Póvoa, ou seja, as Correntes de Escritas, que de certo modo nasceram de uma ida minha e do Francisco Guedes à Semana Negra de Gijón. No regresso, o Francisco confessava-me que era preciso fazer uma coisa assim em Portugal - e teve a sorte de encontrar um autarca como Luís Diamantino e uma “força da natureza” como Manuela Ribeiro. LS foi um dos convidados da 1ª edição das Correntes, passou a ser uma presença assídua, e graças a ele se formou o primeiro núcleo de convidados espanhóis e latino-americanos, que depois, de forma magnífica, a organização soube diversificar e enriquecer. Mas Luís Sepúlveda, creio, ficará para sempre como uma espécie de “padrinho” daquele que foi o primeiro, e continua a ser o mais importante, festival literário português. *JL*



Luís Sepúlveda em Grândola, na primeira vinda a (e primeira foto em) Portugal; e com Fernando Assis Pacheco (ao centro) e Manuel Alberto Valente